

Por Dr. José Carlos Prates*

Titular da cadeira 42

*Professor Emérito de Anatomia UNIFESP/EPM
Professor Faculdade de Medicina UNISA

Terminologia anatômica

BREVE CRONOLOGIA (400 A.C. A 2013)

A Anatomia surgiu entre vários povos nos primórdios da civilização, mas a nomenclatura anatômica nasceu no mundo dos antigos helenos e foi se desenvolvendo com os estudos e progressos da Anatomia. Hipócrates (400 a.C. a 375 a.C.) possivelmente foi o primeiro ou um dos primeiros criadores de denominações anatômicas.

Mais tarde, na Escola da Alexandria (século III a.C.), a terminologia anatômica começou a adquirir pleno desenvolvimento, sobretudo com Herófilo e Erasistrato. Galeno (131 a 200 d.C.) descobriu e descreveu muitas estruturas anatômicas, tendo enriquecido o vocabulário anatômico.

Nessa época, embora dominasse o Império Romano (no Oriente) e o latim fosse a língua oficial, a nomenclatura anatômica continuava a ser expressa em grego.

Na Idade Média, porém, ao lado dos termos gregos surgiram denominações árabes e apareceram algumas tentativas de nomenclatura latina. Cumpre lembrar que Rufus de Ephesus (50 d.C.) foi quem se referiu à nomenclatura anatômica no seu livro "Da Denominação das Partes do Corpo Humano".

Aristóteles (384 a 322 a.C.) escreveu "História Animalium" e já tinha bons conhecimentos de Anatomia Humana; conhecia particularidades do coração: vasos, artérias que partiam do coração, e fazia referência às "membranas" que envolvem o cérebro.

O renascimento da anatomia humana foi lento até o início do século XIV. O grande progresso da Anatomia aparece com a fundação da universidade na Itália, depois na Espanha e França e outros países europeus.

O arabismo começa a retroceder e reaparece a observação direta com o bolonhês Mundinus (Luigi Mondini de Luzzi, 1275 a 1326), que escreveu um compêndio de anatomia (1314) com observações próprias, mas ainda impregnado das afirmações de Galeno; ele é considerado o restaurador da Anatomia.

Sylvius (1478 a 1555) (Jacques Dubois) era muito culto e, segundo os escritos, ninguém em seu tempo falava o latim com mais pureza e elegância do que ele. Foi o primeiro a dar uma boa descrição dos músculos. Sustentou os erros de Galeno contra Vesalius, seu discípulo, e o chamou de Vesanus (louco). Sylvius pode ser considerado o fundador da nomenclatura anatômica.

Andréas Vesalius (1515 a 1564) empregou termos latinos, mas também usou termos gregos e teve a coragem e a audácia de romper com a tradição galênica. Podemos considerá-lo como reformador e criador da Anatomia moderna.

Apesar dos esforços e a exemplo de Vesalius, o caos da nomenclatura anatômica foi crescendo com o progresso das observações anatômicas. Idênticas estruturas descobertas (ou supostamente descobertas) por diferentes anatomistas deram origem a nomes diversos.

Ao final do século XIX, para um total aproximado de 5.000 estruturas anatômicas conhecidas, havia mais de 50.000 nomes. Assim, por exemplo, o ligamento inguinal denominava-se ligamento crural, arco crural, ligamento de Falópio de Poupart, arco femoral. Somente em fins do século XIX iniciou-se a reforma.

Jacob Henle (1809 a 1885), notável histologista da época e um dos maiores anatomistas, foi o pioneiro dessa reforma terminológica. Ele condenava os epônimos da nomenclatura anatômica, como podemos observar no seu tratado de 1855 *“Handbuch der systematischen Anatomie des Menschen”*.

Em 1880, Joseph Hyrtl (1811 a 1894), anatomista húngaro, professor em Praga e Viena, e cognominado na época, o príncipe dos anatomistas, propôs uma reforma radical na nomenclatura.

Em 1887, em Leipzig, no Congresso da Sociedade de Anatomia Alemã (*Anatomische Gesellschaft*), o problema foi amplamente debatido, destacando-se a participação e argumentação de Wilhelm His (pai) (1831 a 1904).

Criou-se uma comissão de anatomistas alemães que, com a colaboração de anatomistas de outros países, deveriam elaborar uma lista de termos anatômicos em latim (*Nomina Anatomica*).

Em 1889, em Berlim, sob a presidência de Von Kölliker (1852 a 1937), reuniu-se a primeira comissão constituída por: His, Hertwig, Kollmann, Merkel, Schwalbe, Toldt, Waldeyer, Von Bardeleben e Krause como diretor-editor.

Durante seis anos as subcomissões trabalharam com reuniões ou por correspondência, colaborando 274 anatomistas, sendo 145 alemães e 129 não alemães pertencentes aos Estados Unidos, Áustria, Hungria, Grã-Bretanha, França, Itália, Suíça, Bélgica, Dinamarca, Suécia e Rússia. Ao final da tarefa, as 50.000 denominações existentes foram reduzidas aproximadamente a 5.600 vocábulos latinos.

Em 1894, a comissão reuniu-se em Viena e, em 1895, na Basiléia. A lista foi sancionada e adotada pela sociedade alemã durante a 9ª Reunião da *Anatomische Gesellschaft*, e aprovada por unanimidade em 19 de abril de 1895; ficou conhecida pela sigla BNA (*Basle Nomina Anatomica*).

A BNA se impôs rapidamente na Alemanha e foi adotada nos Estados Unidos da América, na Itália e depois na Inglaterra, mas na França e em outros países latinos teve pouca aceitação.

Cumprir lembrar, por exemplo, que já em 1750, Perugino no seu livro *“Il corpo, Breve História”*, utiliza uma nomenclatura semelhante à BNA (1895).

Por exemplo, no capítulo XI já utiliza escápula e não omoplata, no capítulo XIV é possível encontrar ulna e não cúbito, assim como fíbula e não peroneo (cap. XVI) e patela ou rótula.

Assim, após novos estudos, a Sociedade Anatômica Alemã, em 27 de agosto de 1935, durante o 43º Congresso da *Anatomische Gesellschaft* realizado em Jena, apresentou por Stieve a nova *Nomina* que foi conhecida pela sigla JNA (*Jena Nomina Anatomica*), segundo a proposição de v. Kopsch, que apresentava profundas modificações e segundo os especialistas um grave defeito: abandonava o uso geral da atitude ereta como posição padrão do corpo humano, preferindo orientar as estruturas pela posição dos quadrúpedes.

A nova lista da JNA continha um número considerável de modificações e, especialmente, como já dissemos, abandonou a utilização da posição ereta como posição de referência; ela continha 5.728 termos e foi publicada por Stieve, H. *Nomina Anatomica*, Jena, Gustav Fischer, 1935.

Somente em 1950, em Oxford, durante o V Congresso Internacional de Anatomistas, criou-se uma Comissão Internacional de Nomenclatura Anatômica (IANC) para elaborar uma nova *Nomina*, pois os anatomistas alemães, holandeses e escandinavos, que haviam estimulado o uso da JNA, não estavam satisfeitos com ela, e os anatomistas americanos e canadenses chegaram à conclusão, depois de muito trabalho e reflexão, de que seria preferível fazer uma revisão mais conservadora da BNA (1895). Ao final do congresso, seu Presidente, o Professor Le Gros Clark, foi encarregado de constituir a IANC, formada por três representantes de cada país participante do congresso.

Logo de início, durante as discussões, foi aprovado por unanimidade que a BNA (1895) seria tomada como base para estabelecer a Nomenclatura Anatômica Internacional e que as modificações a serem efetuadas na BNA seriam reduzidas ao mínimo possível.

A comissão decidiu que em primeiro lugar deveriam ser considerados os princípios que norteavam a estrutura da nomenclatura praticamente idêntica àqueles enunciados há sessenta anos pela BNA e receberam aprovação integral de todos os membros da comissão:

- a. cada estrutura deveria ser designada por um único nome, salvo um pequeno número de exceções;
- b. cada nome da lista oficial deveria ser expresso em latim, mas cada país teria a liberdade de traduzi-los para o seu próprio idioma para fins didáticos;
- c. cada nome deveria ser, dentro do possível, curto e simples;
- d. os nomes deveriam ser, primeiramente, mnemônicos (fáceis de memorizar), mas, de preferência, deveriam ter também algum valor informativo ou descritivo;
- e. as estruturas relacionadas topograficamente por proximidade, dentro do possível, ter o mesmo nome ou nomes análogos (ex: arteria femoralis, vena femoralis, nervus femoralis etc.);
- f. os adjetivos qualificativos deveriam, de um modo geral, ser opostos, isto é, em contraposição (ex: major e minor, superficialis e profundus etc.);
- g. os nomes próprios (epônimos) não deveriam ser usados.

O trabalho da comissão e das várias subcomissões desenvolveu-se, sobretudo, através de correspondência e foi realizado com razoável rapidez, ficando pronto em apenas dois anos. A nova lista continha 5.640 termos, dos quais 4.236 correspondiam a termos da BNA, conservados sem alteração.

Ressaltamos que os princípios enunciados há quase sessenta anos pela BNA receberam a aprovação integral de todos os membros do IANC. Os termos da BNA foram divididos em sete seções, a saber: 1 – Osteologia; 2 – Sindesmologia, bolsas e miologia; 3 – Esplancnologia; 4 – Angiologia, 5 – Sistema Nervoso Central; 6 – Sistema Nervoso Periférico, 7- Órgãos dos Sentidos e Tegumento Comum.

Cada seção foi preparada por uma subcomissão de três membros, cada um dos quais representando países diferentes, sendo que cada subcomissão teria um coordenador. Cópia das listas de todas as subcomissões foram enviadas a todos os membros do IANC, antes da seção que estava programada para Londres, de 31 de maio a 5 de junho de 1954, com a presença também dos Professores Teizo Ogawa de Tóquio e G. A. G. Mitchell de Manchester, Inglaterra, que atuaria como Secretário Honorário assistente. A comissão recebeu a informação que em 1952 havia sido fundada a Sociedade Brasileira de Anatomia (SBA) (dia 31 de julho de 1952 – mesa redonda sobre Nomenclatura Anatômica – relator: Prof. Álvaro Fróes da Fonseca) e o Secretário Honorário do IANC, Professor T. B. Johnston, manteve contato pessoal com o presidente e outros membros da SBA, incluindo o Prof. Di Dio que atuava como Secretário.

A nova *Nomina* foi completada para ser submetida no VI Congresso Internacional de Anatomistas a ser realizado em Paris, de 25 a 30 de julho de 1955. Em julho de 1955, durante o VI Congresso Internacional de Anatomistas realizado em Paris, foi apresentada uma lista com 5.640 termos, contendo cerca de 200 novos termos, a maioria dos quais se encontravam no Sistema Nervoso Central e cerca de 100 novos termos. A primeira edição foi publicada em francês – *Paris Nomina Anatomica* (PNA), com recursos da UNESCO e os editores foram os Professores T. B. Johnston e C. A. G. Mitchell. Em 1961 foi publicada a 2ª edição da *Nomina Anatomica*, editada pelo Professor G. A. G. Mitchell e publicada pela Excerpta Médica, contendo as modificações apresentadas em Nova York.

Em 1963, uma reimpressão da 2ª edição foi publicada, mas infelizmente descrita como uma 3ª edição; sendo reimpressão, era naturalmente idêntica à 2ª edição em todos os detalhes. Em 1989, na reunião do XIII Congresso Internacional da Federação da Associação de Anatomistas (CIFAA), realizado no Rio de Janeiro, a assembleia geral deliberou por unanimidade criar



o *Federative Committee on Anatomical Terminology* – FCAT. Foram eleitos os seus membros, em número de 20, que elegeram o Dr. Ian Whitmore seu presidente, em 10 de agosto de 1989. Além de democrático, o comitê tinha representação de todos os continentes do mundo, a nova linguagem seria editada em duas línguas: latina e inglesa. A 1ª reunião da FCAT deu-se em 1990 em Nancy (França) e a 12ª em São Paulo (Brasil) em 1997, com o lançamento da Terminologia Anatômica Latina e Inglesa, em 28 de agosto de 1997; “atualizada, objetiva, simplificada e globalizada, que deveria ser utilizada mundialmente” (Prof.º Di Dio).

A Terminologia Anatômica foi publicada em Nova York pela Thieme Stuttgart, em 1998. Segundo o Professor Paulo Mangabeira Albernaz, membro do 1º Comitê de *Nômina Anatômica* da Sociedade Brasileira de Anatomia (1952), “o Professor tem obrigação de saber a nomenclatura correta e exata do que ensina. Rufo assim o dizia no século II de nossa era, mas a preguiça, incúria ou a desídia não permitiu aos catedráticos e assistentes atuais levarem a sério esta parte, ligada diretamente a suas obrigações”. É também como se referiu Stieve (1949), “jamais será possível publicar uma *Nomina* com a qual concordem indistintamente todos os Anatomistas e Clínicos sem fazer objeção a um nome sequer”.

Acadêmico José Carlos Prates
Titular da cadeira 42